

1

— **A**s coisas podem ser como eram antes — disse Caroline, entusiasmada, estendendo o braço para apertar a mão de Bonnie.

Mas isso não era verdade. Nada nunca mais poderia ser como era antes da morte de Elena. Nada. E Bonnie tinha sérias dúvidas sobre a festa que Caroline estava tentando organizar. Uma sensação perturbadora e vaga na boca do estômago lhe dizia que por algum motivo essa era uma ideia muito, mas muito ruim.

— O aniversário de Meredith *já passou* — observou ela. — Foi no último sábado.

— Mas ela não teve festa, não uma festa de verdade, como essa. Vamos ter a noite toda; meus pais só voltam no domingo de manhã. Vamos lá, Bonnie... Pense na surpresa que vai ser para ela.

Ah, ela vai ficar surpresa mesmo, pensou Bonnie. Tão surpresa que pode até querer me matar depois.

— Olha, Caroline, o motivo para Meredith não ter dado uma grande festa é que ela ainda não está em clima de comemoração. Parece... falta de respeito, de certo modo...

— Mas isso é um *erro*. Elena ia querer que a gente se divertisse, você sabe disso. Ela adorava festas. E ela odiaria saber que ficamos sentadas e chorando mais de seis meses depois de ela ter morrido. — Caroline se inclinou para a frente, os olhos verdes normalmente felinos agora francos e convincentes. Nada de artifícios nem da habitual manipulação desagradável de Caroline. Bonnie sabia que ela estava sendo sincera.

— Eu queria que fôssemos amigas como éramos antes — disse Caroline. — Sempre comemorávamos nossos aniversários juntas, só nós quatro, lembra? E lembra que os garotos sempre tentavam invadir nossas festas? Será que vão tentar esse ano?

Bonnie sentiu o controle da situação lhe escapar. Era uma má ideia, esta era uma péssima ideia, pensou ela, mas Caroline continuava, com um olhar sonhador e quase romântico lembrando dos bons e velhos tempos. Bonnie não teve coragem de dizer a ela que os bons e velhos tempos estavam tão mortos quanto a música disco.

— Mas nem somos mais quatro. Três não dão lá uma festa muito boa — protestou ela bem baixinho quando conseguiu dizer alguma coisa.

— Vou convidar a Sue Carson também. Meredith se dá bem com ela, né?

Bonnie tinha de admitir que sim; todo mundo se dava bem com Sue. Mas mesmo assim, Caroline precisava entender que as coisas não podiam ser como antes. Não se pode substituir Elena por Sue Carson e dizer, pronto, agora está tudo consertado.

Mas como explicar isso a Caroline?, pensou Bonnie. De repente ela entendeu.

— Vamos convidar Vickie Bennett — disse ela.

Caroline a olhou.

— *Vickie Bennett?* Deve estar brincando. Convidar aquela idiotinha esquisita que tirou a roupa na frente de metade da escola? Depois de tudo o que aconteceu?

— *Por causa* de tudo o que aconteceu — disse Bonnie com firmeza. — Olha, sei que ela nunca foi da nossa turma. Mas ela não está mais com aquela galera barra pesada; eles não a querem e ela morre de medo deles. Ela precisa de amigos. Nós precisamos de gente. Vamos convidá-la.

Por um momento, Caroline ficou frustrada. Bonnie empinou o queixo, pôs as mãos nos quadris e esperou. Por fim, Caroline suspirou.

— Tudo bem; você venceu. Vou convidá-la. Mas você tem que levar Meredith na minha casa no sábado à noite. E Bonnie... Cuide para que ela não tenha a menor ideia do que vai acontecer. Quero que seja uma surpresa de verdade.

— Ah, e será mesmo — disse Bonnie, de cara amarrada. Ela não estava preparada para a luz repentina na expressão de Caroline ou o calor impulsivo de seu abraço.

— Que bom que finalmente você começou a ver as coisas do meu jeito — disse Caroline. — E vai ser tão bom a gente se reunir de novo.

Ela não entendeu nada, percebeu Bonnie, estupefata, enquanto Caroline se afastava. O que será que vou ter de fazer para explicar a ela? Dar um murro nela?

E depois: Ah, meu Deus, agora tenho que contar a Meredith.

Mas no fim do dia ela decidiu que talvez Meredith não precisasse saber. Caroline queria surpreender Meredith; bom, talvez Bonnie devesse dar essa surpresa a ela. Assim pelo menos Meredith não teria de se preocupar com isso de antemão. Sim, concluiu Bonnie, devia ser mais generoso *não* contar nada a Meredith.

E quem sabe, escreveu ela no diário na sexta à noite. Talvez eu esteja sendo dura demais com Caroline. Talvez ela lamente de verdade por todas as coisas que nos fez, tipo tentar humilhar Elena na frente de toda a cidade ou tentar fazer com que Stefan fosse acusado de assassinato. Talvez Caroline tenha amadurecido desde então e tenha aprendido a pensar nos outros, não só em si mesma. Talvez a gente realmente consiga se divertir nessa festa.

E talvez eu seja abduzida por alienígenas amanhã à tarde, pensou Bonnie ao fechar o diário. Só o que lhe restava era a esperança.

O diário era um caderno barato, com uma capa de florezinhas. Ela só começou a escrever quando Elena morreu, mas já ficou meio viciada nisso. Era o único lugar em que podia dizer o que quisesse sem que os outros ficassem chocados e dissessem, “Bonnie McCullough!” ou “Ah, *Bonnie*”.

Ela ainda estava pensando em Elena quando apagou a luz e se aninhou debaixo das cobertas.

Ela estava sentada no gramado luxuriante e bem cuidado que se estendia para todo lado, até onde a vista alcançava. O céu era de um azul impecável, o ar era cálido e perfumado. Passarinhos cantavam.

“Que bom que você pôde vir”, disse Elena.

“Ah... sim”, disse Bonnie. “Bom, naturalmente eu viria. É claro.” Ela olhou em volta de novo, depois apressadamente para Elena.

“Mais chá?”

Havia uma xícara na mão de Bonnie, fina e frágil como casca de ovo.

“Ah... Sim. Obrigada.”

Elena estava com um vestido do século XVIII de musselina branca de gaze, que se grudava em sua pele, mostrando como era magra. Serviu o chá com precisão, sem derramar uma gota.

“Gostaria de um rato?”

“Um *o quê?*”

“Eu disse, gostaria de um sanduíche para acompanhar o chá?”

“Ah. Um sanduíche. Sim. Ótimo.” Era de pepino, em fatias finas com maionese em um delicado quadrado de pão branco. Sem a casca.

A cena toda era tão bela e cintilante quanto uma tela de Seurat. Warm Springs, era onde estávamos. O antigo parque de

piquenique, pensou Bonnie. Mas, sem dúvida, temos coisas mais importantes a discutir do que o chá.

“Quem tem arrumado seu cabelo ultimamente?”, perguntou Bonnie. Elena jamais conseguiu fazer isso sozinha.

“Você gosta?” Elena pôs a mão no cabelo sedoso e dourado-claro que formava um coque na nuca.

“É perfeito”, disse Bonnie, parecendo por tudo no mundo a própria mãe num jantar das Filhas da Revolução Americana.

“Bom, o cabelo é importante, sabia?” Seus olhos brilharam com um azul mais escuro do que o céu, de lápis-lazúli. Bonnie tocou os cachos ruivos e abundantes, meio constrangida.

“É claro que o sangue também é importante”, disse Elena.

“Sangue? Ah, sim... claro”, disse Bonnie, aturdida. Não fazia ideia do que Elena estava falando e lhe parecia que estavam andando numa corda bamba acima de crocodilos. “Sim, o sangue de fato é muito importante”, concordou ela, desanimada.

“Mais um sanduíche?”

“Obrigada.” Este era de queijo com tomate. Elena escolheu um para si, mordendo-o delicadamente. Bonnie a olhou, sentindo a inquietação crescer a cada minuto dentro de si, e depois...

E depois ela viu a lama vazando pelas beiradas do sanduíche.

“O que... *O que é isso?*” O pavor deixou sua voz estridente. Pela primeira vez, o sonho parecia um sonho e Bonnie descobriu que não conseguia se mexer, só ofegar e olhar. Uma massa espessa da coisa marrom caiu do sanduíche de Elena, sobre a toalha xadrez de mesa. Era lama mesmo. “Elena... Elena, o que...”

“Ah, nós comemos isso por aqui.” Elena sorriu com os dentes sujos de marrom. Só que a voz não era de Elena; era feia e distorcida, e era uma voz masculina. “Você vai comer também.”

O ar não era mais cálido e perfumado; era quente e de um doce enjoativo, tinha cheiro de lixo podre. Havia covas escuras no gramado, que não era aparado e crescia desordenadamente. Não era Warm Springs. Ela estava no antigo cemitério — como não tinha percebido isso? Só que os túmulos eram novos.

“Mais um rato?”, disse Elena, e riu de forma obscena.

Bonnie olhou o sanduíche meio comido em sua mão e gritou. Havia um rabo marrom e viscoso pendurado na ponta. Ela o atirou com toda força que conseguiu reunir em uma lápide, na qual ele bateu com uma pancada úmida. Depois ela se levantou, o estômago revirado, esfregando os dedos freneticamente no jeans.

“Não pode ir embora agora. Os convidados estão chegando.” O rosto de Elena se transformava; ela já havia perdido o cabelo, e sua pele ficava aos poucos cinza e curtida. Coisas se mexiam no prato de sanduíches e nas covas, agora abertas. Bonnie não queria ver nada disso; achou que, se visse, ia enlouquecer.

“Você não é a Elena!”, gritou ela, e correu.

O vento jogou o cabelo em seus olhos e ela não conseguia enxergar. O perseguidor estava atrás dela; Bonnie podia sentir, bem atrás. Para a ponte, pensou Bonnie, correndo até esbarrar em alguma coisa.

“Estive esperando por você”, disse a coisa no vestido de Elena, a coisa esquelética e cinza com dentes compridos e tortos. “Bonnie, me escute.” Isso a reteve com uma força terrível.

“Você não é a Elena! Você não é a Elena!”

“Ouça, Bonnie!”

Era a voz de Elena, a verdadeira voz de Elena, não parecia satisfeita e sorridente, nem densa e fria, mas urgente. Vinha de algum lugar atrás de Bonnie e cortou o sonho como um vento frio e fresco. “Bonnie, preste atenção, rápido...”

Tudo se desmanchava. As mãos ossudas nos braços de Bonnie, o cemitério rastejante, o ar quente e rançoso. Por um momento a voz de Elena ficou clara, mas era entrecortada como uma ligação interurbana ruim.

“... Ele está distorcendo as coisas, alterando tudo. Não sou tão forte quanto ele...” Bonnie perdeu algumas palavras, “... mas isto é importante. Você precisa descobrir... agora.” A voz dela sumia aos poucos.

“Elena, não estou ouvindo! Elena!”

“... um feitiço fácil, só dois ingredientes, aqueles que já disse...”

“Elena!”

Bonnie ainda gritava ao se sentar ereta na cama.